



A DIALETOLOGIA HISPANO-AMERICANA E A HETEROGENEIDADE LINGÜÍSTICA: O CASO DA ARGENTINA

Leandro Silveira de Araujo¹

leandrocbt@msn.com

RESUMO: O objetivo desse artigo é esboçar um panorama geral de como a falsa ideia de homogeneidade linguística foi se constituindo na sociedade hispânica e como a Argentina se colocou diante dessa uniformização. Aliado a esse passo, mostraremos, a partir da dialetologia hispano-americana, que a concepção de língua como um fato homogêneo é insustentável e que, portanto, deve ser corrigida, por exemplo, a partir da observação e do cotejamento do uso linguístico em diferentes zonas onde a língua espanhola é falada. Ao procedermos desse modo, esperamos perceber a inquestionável existência de subsistemas funcionais do espanhol (dialetos) que, uma vez possuidores de características particulares, constituem, juntos, uma língua transnacional heterogênea. Além de combater a visão da língua espanhola como um fato homogêneo, a apresentação das regiões dialetais deverá também fundar as bases que possibilitarão um confronto, em trabalhos futuros, dos usos que fazem as diferentes variedades dialetais hispano-americanas e argentinas, mais especificamente.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Dialetologia; Argentina; América Hispânica; Espanhol.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es esbozar un panorama general de cómo se ha constituido la falsa idea de homogeneidad lingüística en la sociedad hispánica y cómo Argentina se presentó ante esta estandarización. Junto a este reto, enseñaremos, a partir de la dialectología hispanoamericana, que la concepción de lengua como un hecho homogéneo es insostenible y que, por lo tanto, se debe corregirlo, por ejemplo, a partir de la observación y cotejamiento del uso lingüístico en diferentes áreas donde se habla español. Al hacerlo, esperamos percibir la incuestionable existencia de subsistemas funcionales del español (dialectos) que, una vez poseedores de características particulares, constituyen, juntos, una lengua transnacional heterogénea. Además de combatir la visión de la lengua española como un hecho homogéneo, la presentación de las regiones dialectales también deberá establecer las bases que permitirán una confrontación, en trabajos futuros, de los usos de las diferentes variedades dialectales hispanoamericanas y argentinas, más en específico.

PALABRAS-CLAVE: Variación Lingüística; Dialectología; Argentina; América Hispánica; Español.

1. A VISÃO HOMOGÊNEA DO ESPANHOL: O CASO DA ARGENTINA.

Como língua de uma sociedade complexa e diversificada culturalmente, o espanhol concebeu uma norma padrão que envolveu os traços linguísticos julgados mais aceitos e prestigiados socialmente. Atribuiu-se a essa norma exemplar a função de se instaurar sobre as variedades sociais e dialetais, inerentes a tamanha heterogeneidade

¹ Licenciado e Bacharel em Letras (Português/Espanhol) pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’/UNESP. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição, onde também cursa o doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa. Professor de Língua Espanhola na Faculdade de Tecnologia de Mococa.



sociocultural, viabilizando, desse modo, um sistema homogêneo para a grande comunidade de fala castelhana.

Mesmo sem ter como ambição fundamental a concepção de uma norma padrão do espanhol, coube à figura de Elio Antonio de Nebrija – respeitado filólogo espanhol do *siglo de oro*²– dar os primeiros passos na construção dessa norma e, conseqüentemente, de um falso imaginário de língua homogênea. Assim é que em 1492, Nebrija elabora a primeira gramática da língua espanhola e três anos depois o primeiro dicionário da língua. Séculos mais tarde, no ano de 1713, organiza-se uma instituição pública cuja responsabilidade fosse a manutenção e a promoção da língua espanhola. Criou-se, então, a *Real Academia Española* (RAE), cujos propósitos, conforme se lê ainda hoje no próprio site da instituição, visavam

[...] “fijar las voces y vocablos de la lengua castellana en su mayor propiedad, elegancia y pureza”. Se representó tal finalidad con un emblema formado por un crisol en el fuego con la leyenda *Limpia, fija y da esplendor*, obediente al propósito enunciado de combatir cuanto alterara la elegancia y pureza del idioma, y de fijarlo en el estado de plenitud alcanzado en el siglo XVI. (RAE, s.d.)³.

Um olhar mais cauteloso sobre o lema “*limpia, fija y da esplendor*” pode nos levar a pensar que com o surgimento da RAE se previa, inutilmente, eliminar (limpar), a custa de fogo (*crisol*), tudo aquilo que fosse diferente do ideal instituído de língua, fixar *ad aeternum* essa norma e lhe atribuir um prestígio (esplendor) que ofuscasse toda variação que inevitavelmente ocorreria em paralelo à norma exemplar. Notemos que tal intento seguia exatamente na contramão do comportamento natural da linguagem que, como sabemos, é heterogênea e em contínua feitura, portanto histórica.

Uma postura contemporânea, por sua vez, não nega a relevância de uma norma padrão para as interações oficiais entre os muitos países de fala castelhana, nem que seu

² Por *Siglo de Oro* (Século de Ouro) entendemos o período que vai do *Renascimento* (séc. XVI) ao *Barroco* (séc. XVII) espanhol e “no qual as letras, as artes, a política, etc, conheceram seu máximo esplendor e seu maior desenvolvimento” no país <“en el que las letras, las artes, la política, etc, han conocido su máximo esplendor y su mayor desarrollo” (BENNASSAR, 2004, p. 06)>.

³<Tradução nossa> “[...] “fixar as vozes e vocábulos da língua castelhana na sua maior propriedade, elegância e pureza”. Representou-se tal finalidade com um emblema formado por um crisol no fogo com a legenda *limpa, fixa e dá esplendor*, obediente ao propósito enunciado de combater tudo que altere a elegância, pureza do idioma, e de o fixar no estado de plenitude alcançado no século de XVI” (RAE, s.d).



ensino seja um meio de também promover a ascensão social dos cidadãos e a integração entre as nações. No entanto, não se deve associar a essa norma a falsa ideia de uma língua homogênea, desprovida de variedades espaciais, sociais, temporais e estilísticas. É nesse sentido que Sánchez Lobato (2004, p. 1652) explica-nos que uma normatização do espanhol deve considerar “a estratificação linguística da complexa sociedade hispânica” e permitir “as diferenças apontadas para transmitir e expressar todo o acervo cultural dos povos hispanofalantes”.

Segundo o mesmo autor, a formação de uma norma padrão mais próxima da realidade linguística de cada comunidade hispânica tem sido alcançada graças à nivelção da língua a partir da identidade língua-nação. Nesse sentido, Callou, Barbosa e Lopes (2006) afirmam que, na América Latina,

Cada país, cada cidade possui sua própria norma culta, sua própria linguagem comum, que não coincide totalmente com a norma literária, ideal, que funcionaria apenas como ponto de referência e como força unificadora e conservadora. (CALLOU; BARBOSA; LOPES 2006, p.261).

Caso nos dediquemos a observar o papel que têm os meios de comunicação na promoção da língua espanhola, perceberemos que estes meios viabilizam uma intercomunicação linguística e cultural entre os povos de fala hispânica. Essa interação, por sua vez, evidencia o quanto há de semelhança e o quanto há de particularidades no que corresponde ao comportamento, entre outros, linguístico, social, político, cultural, da vasta comunidade hispânica.

Por seu turno, Borrego Nieto (2004) questiona a criação de uma norma padrão distante daquilo que o falante reconhece como sua língua, e em seu lugar defende uma postura de adequação mais natural. Isso porque, conforme nos demonstra o autor, frequentemente o falante de espanhol vê-se na necessidade de se locomover entre um eixo de maior diversidade linguística – no qual se localiza a variedade vernacular e dialetal que adquiriu – e um eixo de maior unidade linguística – no qual se opta por um uso comum do castelhano, isto é, sem traços considerados unicamente dialetais. Dessa forma, o falante não se orientaria mais por uma única norma padrão idealizada e pan-hispânica, mas, procurando se aproximar da variedade do outro, desfavorece o uso daquilo que é caracterizado como dialetal. Uma vez que acolhemos essa atitude de



convergência em direção à cooperação com o outro, podemos aceitar facilmente a existência de mais de uma norma linguística para o espanhol.

Conduzindo a discussão para o contexto argentino, os dados apresentados por Rojas (2001) mostram que os argentinos possuem uma preferência pela norma ditada pela Academia Argentina de Letras, deixando, para segundo plano, a norma padrão promovida pela RAE. Segundo essa autora, a preocupação com uma norma nacional começa com a geração de 37 (1837), cuja ideologia previa a constituição de uma identidade legitimamente argentina. É essa “a época em que tem lugar o conflito linguístico-cultural entre o espanhol peninsular e as diferentes modalidades hispano-americanas, em que a Argentina defende os usos de sua comunidade e questiona a autoridade da Espanha sobre o idioma”. A ideologia nacionalista da época era tão forte que motivou a marcação das diferenças linguísticas entre o país e a península.

Foi no século XX, no entanto, que a norma padrão argentina começa a se instituir concretamente, considerando sempre a situação multilíngue e dialetal proveniente da forte imigração presente no país. É a partir de 1930, com a diminuição do número de imigrantes espanhóis, que se define o sentimento de uma norma padrão local diferente da norma padrão hispânica. Desde então, “o falante argentino acrescenta seu orgulho de se considerar dono da palavra surgida ou adaptada a seu contexto”.

O forte desejo de manter a autonomia da nação continua se refletindo ainda hoje na língua. No entanto, esse processo não implica uma recusa à identidade hispânica, mas a criação do que é próprio ao país dentro do que é considerado unidade linguística do espanhol (ROJAS, 2001, s/p.). Desta maneira, antes de buscar uma unificação com a norma padrão hispânica, valorizou-se primeiramente a observação das normas regionais e como elas poderiam compor uma norma nacional. Parece que nesse processo de normatização, a variedade da Capital Federal, Buenos Aires, foi recorrentemente tomada como exemplar graças ao prestígio de que desfruta.



2. CONTRIBUIÇÕES DA DIALETOLOGIA HISPANO-AMERICANA PARA A COMPREENSÃO DA HETEROGENEIDADE NA LÍNGUA ESPANHOLA.

Numa postura mais atenta ao uso da língua, Pedro Henríquez Ureña (1976) afirma que “qualquer estudo sobre o castelhano da América deve começar abandonando, pelo menos temporalmente, as afirmações muito gerais; toda a generalização corre o risco de ser falsa”. De fato, não foi somente o dialetólogo dominicano Pedro Henríquez Ureña (1976) quem se ateu à necessidade de observar a heterogeneidade da língua espanhola na tão plural América e de abandonar, por isso, qualquer tentativa de generalização linguística. Peculiar a cada um dos estudiosos, no entanto, são as opções metodológicas, a base teórica e os fenômenos de análise – conjunto de fatores que os conduziu a diferentes conclusões sobre o(s) estado(s) da língua utilizada no novo mundo.

A fim de esboçarmos como a dialetologia observou, no decorrer dos anos, a diversidade linguístico-espacial do espanhol na América, exporemos as principais propostas de divisão dialetal da língua no continente. Dessa maneira, esperamos vislumbrar, ainda que superficialmente, a complexidade que envolve a análise da variação linguística do espanhol no que tange às peculiaridades regionais americanas. Em especial, acompanharemos também como a Argentina se insere em cada uma das perspectivas retratadas. Finalmente, na última parte dessa seção, observaremos propostas cujo objetivo único seja a delimitação e a descrição das regiões dialetais argentinas; isso para que percebamos que a aparente problemática em generalizar territorialmente o uso da língua também pode ser aplicada ao país.

Uma abordagem como a que propomos deve começar pela consciência de que “não houve na geografia linguística hispano-americana avanços precisamente espetaculares” (MORENO DE ALBA, 2000, p.117) e que “quase todos os atlas linguísticos que se desenvolveram estão limitados regionalmente por países” (FONTANELLA DE WEINBERG, 1992, p.128). Acresce-se a esse cenário, o constante questionamento sobre a confiabilidade dos postulados já constituídos. Passemos à análise das cinco propostas de divisão dialetal para o continente, assim como a inserção da Argentina em cada uma delas.



2.1. Henríquez Ureña (1976): um estudo inaugurador e provisório da dialetologia hispano-americana.

O olhar atento à proposta de divisão dialetal feita por Henríquez Ureña (1976) mostra-nos duas características que devem ser consideradas antes de qualquer análise crítica do postulado tido como inaugural. A primeira deve-se à consciência que tinha o autor do caráter provisório de seu estudo (“provisoriamente me arrisco em distinguir na América espanhola [...]”); já a segunda relaciona-se a um baixo grau de rigor científico no momento de definir o perímetro das zonas dialetais (o que pode ser evidenciado por expressões como “me arrisco”, “provavelmente”, “talvez”). Juntos, os dois traços, revelam-nos que o postulado de Henríquez Ureña (1976) visava, fundamentalmente, impulsionar o desenvolvimento da disciplina no continente, dando-lhe, posteriormente, um caráter mais empírico à medida que se somassem a ele novos estudos.

Aprofundando-nos efetivamente na proposta, vejamos, nas palavras do próprio autor, como se dividiria dialetalmente a América hispânica:

“Provisionalmente me arriesgo a distinguir en la América española cinco zonas principales: primera, la que comprende las regiones bilingües del Sur y Sudoeste de los Estados Unidos, México y las Repúblicas de la América Central; segunda, las tres Antillas españolas (Cuba, Puerto Rico y la República Dominicana, la antigua parte española de Santo Domingo), la costa y los llanos de Venezuela y probablemente la porción septentrional de Colombia; tercera, la región andina de Venezuela, el interior y la costa occidental de Colombia, el Ecuador, el Perú, la mayor parte de Bolivia y tal vez el Norte de Chile; cuarta, la mayor parte de Chile; quinta, la Argentina, el Uruguay, el Paraguay y tal vez parte del Sudeste de Bolivia” (HENRÍQUEZ UREÑA, 1976, p.5)⁴.

De modo ilustrativo, Moreno Fernández (2000, p. 48) organiza as cinco zonas esboçadas acima no mapa da América Latina, tal como observamos no mapa 1:

⁴<Tradução nossa>“Provisionalmente, arrisco-me a distinguir na América espanhola cinco zonas principais: primeira, a que compreende as regiões bilíngues do sul e sudoeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América-Central; segunda, as três Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico e a República Dominicana, a antiga parte espanhola de Santo Domingo), a costa e as planícies da Venezuela e provavelmente a porção setentrional da Colômbia; terceira, a região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, o Equador, o Peru, a maior parte da Bolívia e talvez o norte do Chile; quarta, a maior parte do Chile; quinta, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e talvez parte do Sudeste da Bolívia” (HENRÍQUEZ UREÑA, 1976, p.5).



Mapa 1. Das zonas dialetais da América segundo Henríquez Ureña (MORENO FERNÁNDEZ, 2000).

Henríquez Ureña (1976) alerta-nos ainda que cada uma das cinco zonas tidas como principais apresentam subdivisões. Assim, tal como propõe o próprio autor, a primeira região poderia ser refragmentada em pelo menos seis subzonas: 1. território hispânico dos Estados Unidos; 2. norte do México; 3. antepianície do centro; 4. Tierras Calientes da costa oriental; 5. península de Yucatán e 6. América Central. Não obstante, essa análise mais apurada não é estendida às demais regiões, fazendo com que, naquele momento, pouca coisa se soubesse sobre as outras quatro zonas ditas principais.

Um dos pontos mais questionados da divisão dialetal é a preferência dada pelo autor a critérios extralinguísticos no processo de fragmentação. Tanto é que se afirma:

“El carácter de cada una de las cinco zonas se debe a la proximidad geográfica de las regiones que las componen, los lazos políticos y culturales que las unieron durante la dominación española y el contacto con una lengua indígena principal (1, náhuatl; 2, lucayo; 3, quechua; 4, araucano; 5, guaraní)”(HENRÍQUEZ UREÑA, 1976, p.5)⁵.

Além das características geográficas, políticas e culturais observadas em cada uma das regiões, o substrato indígena foi um critério considerado de grande relevância na elaboração da divisão. Por isso, a cada uma das cinco zonas associa-se um substrato:

| | Zona | Substrato |
|----|--|-----------|
| 1. | Regiões bilíngues do Sul e Sudeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central. | Náhuatl |
| 2. | Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico e a República Dominicana, a antiga parte espanhola de Santo Domingo), a costa e as planícies da Venezuela e provavelmente a porção setentrional da Colômbia. | Lucayo |
| 3. | Região andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, o Equador, o Peru, a maior parte da Bolívia e talvez o norte de Chile | Quéchua |
| 4. | A maior parte do Chile | Araucano |
| 5. | A Argentina, o Uruguai, o Paraguai e talvez parte do Sudeste de Bolívia | Guarani |

Quadro 1. Da relação dos substratos com as zonas dialetais propostas por Henríquez Ureñas (1976).

Finalmente, cabe-nos destacar em que região dialetal Henríquez Ureña (1976) posiciona a *Argentina*. Assim, tal como observamos no mapa 1 e no quadro 1, considera-se que o país possui uma variedade linguística aparentemente homogênea e compartilhada com os países vizinhos – Uruguai, Paraguai e sudeste da Bolívia.

2.2. Rona (1964): Uma proposta imanentemente linguística.

Apesar de reconhecer o caráter preconizador de seu antecessor, Rona (1964) critica severamente sua postura metodológica. O desacordo decorre justamente da escolha de critérios utilizados para definir as regiões dialetais, isso porque, enquanto na primeira perspectiva observavam-se fundamentalmente características extralinguísticas, a proposta de divisão dialetal de Rona (1964) fundamenta-se essencialmente em critérios linguísticos, para somente depois relacioná-los a fatores extralinguísticos.

⁵ <Tradução nossa> “O carácter de cada uma das cinco zonas deve-se à proximidade geográfica das regiões que as compõem, os laços políticos e culturais que as uniram durante a dominação espanhola e o contato com um língua indígena principal (1, náhuatl; 2, lucayo; 3, quéchua; 4, araucano; 5, guaraní)” (HENRÍQUEZ UREÑA, 1976, p.5).

Melhor amparado pelo desenvolvimento da descrição do espanhol na América e tendo em vista que a dialetologia orienta-se pelo princípio de que se deve definir um dialeto por isoglossas⁶, Rona (1964, p.220) observa, em seu momento, a existência de somente quatro fenômenos linguísticos cujas isoglossas eram suficientemente conhecidas a ponto de serem utilizadas com a função de delimitação dialetal. O primeiro deles, o *yeísmo*, é entendido, pelo autor, como “a desfonologização da oposição dos fonemas espanhóis /j/ e /ɲ/, sem importar qual possa ser sua realização material”. Desta maneira, já não se diferenciaria a pronúncia dos grafemas “y” e “ll” das palavras: “yegua” e “llegar”, por exemplo.

Ao segundo fenômeno observado, o *žeísmo*, corresponde “a realização de qualquer um destes fonemas ou de ambos, como fones fricativos ou africados, sonoros ou surdos”. A ocorrência do *voseo*, isto é, “o uso do pronome *vos* com valor de segunda pessoa do singular” é o terceiro fenômeno considerado. Por fim, observa-se a conjugação verbal *voseante*, que apresenta até quatro tipos de desinência (Rona 1964):

- Tipo A: -áis, -éis, -ís;
- Tipo B: -áis; -is; -is;
- Tipo C: -ás, -és, -ís;
- Tipo D: -as, -es, -is;

A partir da observação conjunta dos quatro fenômenos – correspondentes, respectivamente, aos níveis fonológico, fonético, sintático e morfológico – Rona (1964) nega a existência de somente cinco regiões dialetais hispano-americanas, mostrando-nos, por sua vez, que na realidade a língua espanhola falada no continente deveria ser dividida em vinte e três zonas dialetais. As quais expomos no quadro a seguir:

| ZONA | YEÍSMO | ŽEÍSMO | VOSEO | FORMA |
|--|--------|--------|-------|-------|
| 1. México (excepto los Estados de Chiapas, Tabasco, Yucatán y Quintana Roo), Antillas, la costa atlántica de Venezuela y Colombia, mitad oriental de Panamá. | Sí | No | No | - |
| 2. Los estados mexicanos citados, con América Central, incluida la mitad occidental de Panamá | Sí | No | No | - |
| 3. Costa pacífica de Colombia y el interior de Venezuela | Sí | No | Sí | C |

⁶ Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.12), *isoglossas* são “linhas virtuais que marcam o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”.



| | | | | |
|---|----|----|----|---|
| 4. Zona andina de Colômbia | No | No | Sí | C |
| 5. Zona costera de Ecuador | Sí | Sí | Sí | C |
| 6. Zona serrana de Ecuador | No | Sí | Sí | B |
| 7. Zona costera del Perú, excepto Sur | Sí | No | No | - |
| 8. Zona andina del Peru | No | No | No | - |
| 9. Zona meridional del Peru | Sí | No | Sí | |
| 10. Norte de Chile, noroeste de la Argentina y los departamentos bolivianos de Oruro y Potosí | No | No | Sí | B |
| 11. El resto de Bolívia | No | No | Sí | C |
| 12. Paraguay (excepto la zona de Concepción) y las provincias argentinas de Misiones, Corrientes y Formosa | No | Sí | Sí | C |
| 13. El centro de Chile | Sí | No | Sí | B |
| 14. El sur de Chile y una pequeña porción de la Patagonia argentina | No | No | Sí | B |
| 15. Las Provincias «gauchescas» de la Argentina (aproximadamente Buenos Aires, Entre Ríos, Santa Fe, La Pampa, Río Negro, Chubut y hasta la Tierra del Fuego) y el Uruguay (excepto la zona ultraserrana y la fronteriza) | Sí | Sí | Sí | C |
| 16. Zona ultraserrana del Uruguay (departamentos de Rocha y Maldonado y parte de Lavalleja y Treinta y Tres) | Sí | Sí | No | - |
| 17. Nuevo Méjico y otras zonas estadounidenses donde se habla aún español. | Sí | No | No | - |
| 18. Cuba y Puerto Rico (aunque hay resto de un voseo del tipo A en el Oriente de Cuba); | Sí | No | No | - |
| 19. Zona fronteriza en el Uruguay excepto la variedad «tacuareboense». | Sí | Sí | Sí | C |
| 20. Zona fronteriza en el Uruguay, variedad «tacuareboense». | Sí | Sí | No | - |
| 21. Zona de Concepción, en el Paraguay | No | Sí | No | - |
| 22. «Caingusino», en la provincia argentina de Misiones | No | Sí | Sí | C |
| 23. Provincia de Santiago del Estero (o parte de ella), en la república Argentina. | No | No | Sí | D |

Quadro 2. Das vinte e três regiões dialetais propostas por Rona (1964, p.223 e 225).

Voltando-nos à situação da *Argentina*, observamos que na proposta de Pedro Rona (1964) o país aparece em seis das vinte e três regiões propostas (10, 12, 14, 15, 22 e 23). No entanto, há de se observar que, apesar da maior especificidade, aparentemente importantes províncias do país não são inseridas em nenhuma das zonas; esse é o caso, por exemplo, de Córdoba e Mendoza. Outro aspecto bastante intrigante relaciona-se ao tamanho das regiões: em 14, 22 e 23 verificamos zonas de perímetro muito atomizado, ao passo que em 10, 12 e 15, nota-se uma dimensão espacial mais extensa.

Por fim, tanto pelo maior rigor científico, como pelos dados conclusivos, parece notável a maior credibilidade dada a esta proposta de divisão dialetal. Contudo, Fontanella de Weinberg (1992) assume uma postura que relativiza a confiabilidade da

proposta dialetal de Rona (1964), isso porque, até então, os dados utilizados pelo linguista não eram seguros ou suficientemente amplos para assegurar as afirmações.

2.3. Cahuzac (1980): uma proposta de base lexical.

Moreno de Alba (2000) comenta que Cahuzac (1980) parte do princípio de que existe uma relação muito próxima entre os fenômenos culturais e os fenômenos linguísticos e, por isso, propõe uma divisão dialetal do espanhol na América fundamentada em critérios léxico-semânticos, na qual observa as diferentes palavras que fazem referência ao homem que vive no campo (*camponês*). A seguir, expomos as sete regiões dialetais resultantes deste estudo, assim como as palavras utilizadas nas respectivas regiões:

| Zona | Camponês |
|---------------------------------------|--------------------------------|
| 1. México y sur de los Estados Unidos | Charro |
| 2. América Central y el Caribe | Cimarronero, Concho, Campiruso |
| 3. Antillas | Guajiro, Campuno |
| 4. Venezuela y Colombia | Llanero, Sabanero; |
| 5. Ecuador, Perú, Bolivia | Chacarero, Montubio; |
| 6. Río de la Plata | Gaucho, Campero; |
| 7. Chile | Huaso; |

Quadro 3. Das regiões dialetais segundo Cahuzac (1980).

Observemos que, tal como na proposta de Henríquez Ureña (1976), Cahuzac (1980) considera que, juntamente com o Uruguai e o Paraguai, a Argentina conforma a região dialetal do *Río de la Plata*, fazendo-nos pensar que a variedade linguística do espanhol falada nesse extenso território é homogênea.

Não obstante, é relevante considerarmos as críticas feitas por Moreno de Alba (2000) a esta proposta de divisão dialetal, isso porque (1) a observação da variedade rural não é suficiente para se definir uma região dialetal, (2) as isoglossas lexicais são menos precisas na delimitação das regiões, (3) uma proposta fundamentada na observação de um único fenômeno deve ser melhor avaliada e, finalmente, (4) os dicionários de americanismos e regionalismos contemporâneos a Cahuzac (1980) – os

quais serviram de base para sua proposta – possuíam pouca confiabilidade. Em síntese, parece que a precisão das conclusões alcançadas por Cahuzac (1980) é muito pequena.

2.4. Zamora e Guitart (1988).

A proposta de divisão dialetal de Zamora e Guitard considera três fatores estritamente linguísticos. O primeiro deve-se à realização do fone [s] no contexto de fim de sílaba, o qual, segundo os autores, pode ser conservado, aspirado ou perdido. O segundo fenômeno linguístico relaciona-se ao fonema fricativo velar /x/, que pode ter como alofone o fone fricativo glotal [h]⁷. Finalmente, observa-se também a variação entre *tuteo* e o *voseo* pronominal⁸. A partir da análise dos três fenômenos, chega-se ao quadro 4, com nove regiões dialetais:

| Zonas | [s] | [x] | Voseo Pron. |
|--|----------------------|--------|---------------|
| 1. Antillas, costa oriental de México, mitad oriental de Panamá, costa norte de Colombia, Venezuela (menos la cordillera). | Pérdida | Glotal | Tuteo |
| 2. México (sin costa oriental y frontera con Guatemala) | Conservación | Velar | Tuteo |
| 3. Centroamérica y fronteras con México | Pérdida o aspiración | Glotal | Voseo |
| 4. Colombia (sin las costas), cordillera de Venezuela | Conservación | Glotal | Voseo |
| 5. Colombia (costa pacífica) y el Ecuador | Aspiración o pérdida | Glotal | Tuteo y voseo |
| 6. Perú (costa, excepto extremo sur) | Aspiración o pérdida | Glotal | Tuteo |
| 7. Ecuador y Perú (salvo lo indicado en 6), noroeste de Argentina, centro de Bolivia | Conservación | Velar | Tuteo y voseo |
| 8. Chile | Aspiración o pérdida | Velar | Tuteo y voseo |
| 9. Río de la Plata, oriente de Bolivia y Argentina (salvo noroeste) | Aspiración o pérdida | Velar | Voseo |

Quadro 4. Das nove regiões dialetais de Zamora e Guitart (HERNÁNDEZ MONTOYA, 2001).

Notemos que nesse cenário, a Argentina é dividida em duas zonas (7 e 9), levando-nos a entender que a língua espanhola falada no país divide-se

⁷ Esses são os sons dos grafemas “j” e “g”, quando diante das vogais “e” e “i”.

⁸ *Tuteo* e *voseo* dizem respeito ao uso dos pronomes *tú* ou *vos*, respectivamente, com valor de segunda pessoa do singular.



dicotomicamente entre uma variedade ao noroeste (7) e outra que conforma o centro, o norte e o sul do país (9).

2.5. Montes Giraldo (1987): a bipartição dialetal do espanhol.

Considerando não só fenômenos linguísticos, mas também fatores sócio-históricos, Montes Giraldo (1987) verifica que, tanto na América como na Península, a língua espanhola pode ser agrupada em duas macrorregiões dialetais – os chamados *superdialetos*. Além disso, o autor mostra-nos em sua proposta de bipartição dialetal a existência de uma relação direta entre o novo e o antigo mundo.

Deste modo, o *superdialeto A* recebe o nome de *espanhol serrano, central*, ou ainda *interiorano*, já que se localiza no centro-norte da Espanha e nas terras altas e interiores da América. Segundo o autor, essa região dialetal caracteriza-se, entre outros, “pela conservação da –s (sibilante) como implosiva” e da “identidade fonológica de [r] e [l]”⁹. Por outro lado, o *super-dialeto B*, conhecido como *espanhol meridional, atlântico, costeiro* ou ainda como *das terras baixas*, predomina na parte meridional da Espanha e nas Ilhas Canárias. Na América, por sua vez, é a variedade observada no Caribe, no litoral e, eventualmente, em comunidades ribeirinhas. Fundamentalmente, esse super-dialeto se caracteriza pela aspiração ou apagamento do fonema /s/ no contexto pós-silábico, e neutralização parcial de [r] e [l] (Montes Giraldo, 1987, p.214 e 215). Segundo Saralegui,

[...] lo que se desprende de esta clasificación, de modo evidente, es la distinción entre un español de características conservadoras (el superdialecto A) y un español de características innovadoras (el superdialecto B); sin separar, a estos efectos, España de América (SARALEGUI, 1997, p. 30)¹⁰.

Foi Fontanella de Weinberg (2004) quem aplicou a proposta de Montes Giraldo (1987) à Argentina. Segundo a autora, o *super-dialeto A* seria equivalente à

⁹ “[...] por el mantenimiento de la –s (implosiva) como sibilante, el mantenimiento de la identidad fonológica de /R/ y /L/ [...]” (Montes Giraldo, 1987, p.214).

¹⁰ <Tradução nossa> “[...] o que se desprende desta classificação, de modo evidente, é a distinção entre um espanhol de características conservadoras (o superdialeto A) e um espanhol de características inovadoras (o superdialeto B), sem separar, para estes efeitos, Espanha da América” (SARALEGUI, 1997, p. 30).

macrorregião mediterrânea, composta pelas regiões *noroeste*, *central* e de *Cuyo*. Ao *super-dialeto B*, por outro lado, equivaleria a *macrorregião litorânea*, conformada pelas regiões *bonaerense*, *litorânea* e *patagônica*. Fundamentalmente, essas macrorregiões diferem-se pelo tipo de *voseo*, pelo tipo de *yeísmo* e pela realização do fonema [r], de modo que o quadro abaixo sintetiza como esses fenômenos diferenciam-se entre as regiões:

| Fenômeno | Macrorregião mediterrânea (super-dialeto A) | Macrorregião litorânea (super-dialeto A) |
|----------|--|---|
| Voseo | Paradigma único | Alternância de paradigma |
| Yeísmo | Quase exclusivamente “ <i>rehilado</i> ”. | Com variantes não “ <i>rehiladas</i> ” |
| /r/ | Vibrante | Assibilada |

Quadro 5. Das diferenciações linguísticas na macrorregião mediterrânea e litorânea.

Fontanella de Weinberg (2004) faz-nos ainda uma ressalva sobre a região nordeste da Argentina; para a autora, essa área não pode ser associada a nenhuma das duas macrorregiões anteriores por possuir muitas características peculiares.

Por fim, a síntese da análise das principais propostas de divisão dialetal do espanhol na América mostra-nos, por um lado, que a dialetologia hispano-americana sempre esteve na contramão de uma proposta homogeneizadora da língua. Por outro lado, a mesma análise mostra-nos como esse campo de estudos tem tido avanços comedidos no continente. Parte dessa situação deve-se à adoção de procedimentos restritos ora à realidade estritamente extralinguística, ora à realidade estritamente linguística do espanhol nas regiões. Uma vez que reconhecemos que a língua é um sistema ordenado que está em direta relação com o homem e sua comunidade, julgamos que uma melhor abordagem da realidade dialetal do espanhol na América deve considerar os dois âmbitos de análise: tanto o linguístico, como o extralinguístico. Somam-se ao conjunto de deficiência dos postulados apresentados, a incompatibilidade das propostas – no que tange à quantidade e à extensão das regiões dialetais – e o fato de muitas vezes considerar-se, como isoglossas, fenômenos cujos comportamentos ainda não eram suficientemente conhecidos. Diante deste cenário é que Moreno de Alba (2000) afirma:



“Es probable que ninguna división dialectal resulte plenamente satisfactoria. Cualquiera tiene, a mi ver, sus defectos y sus aciertos. Siempre será particularmente discutible la validez de los rasgos que se elijan para la determinación de las zonas” (MORENO DE ALBA, 2000, p.126)¹¹.

Sobre a análise dialetal do espanhol na Argentina, com exceção da proposta de Rona (1964), verificamos que a língua espanhola usada no país ou é, grosso modo, generalizada e igualada aos países vizinhos ou, quando muito, dividida em duas variedades. Para verificarmos a confiabilidade dos cinco postulados apresentados e assentarmos as bases para futuras análises diatópicas do espanhol na Argentina, propomos analisar, a seguir, os dois principais estudos dialetais para o país.

2.6. Vidal de Battini (1964): a inauguração da dialetologia argentina.

No trabalho precursor sobre a dialetologia argentina, Vidal de Battini (1964) observa que, apesar da extensão territorial, a língua espanhola alcançou, no país, uma significativa unidade. No entanto, a pesquisadora mostra-nos que, mesmo diante dessa relativa coesão, é possível observar peculiaridades linguísticas regionais, as quais possibilitam uma delimitação das regiões dialetais da Argentina. Com esse objetivo, Vidal de Battini lança mão de um minucioso e atento processo de coleta de dados, que envolveu conversas, listas de palavras, questionários, entre outros procedimentos.

A sistematização das informações obtidas passou por três diferentes níveis linguísticos de análise: *fonético*, *morfológico* e *sintático*, nos quais se analisaram, entre outros, a realização do paradigma vocálico e consonantal, da entoação, da expressão de gênero e número, do artigo, do verbo, do advérbio, das interjeições, dos pronomes e das preposições em todo o território do país. A essa atenta descrição, somam-se também dados de ordem extralinguística, haja vista que são apresentados fatos sociais, históricos, políticos e geográficos que se relacionam ao desenvolvimento da língua espanhola na Argentina. Desta maneira, sem negligenciar aspectos linguísticos e extralinguísticos, Vidal de Battini (1964) considera a existência de cinco regiões linguísticas no país: *Litoral*, *Guaranítica*, *Noroeste*, *Cuyo* e *Central*. O quadro 6

¹¹<Tradução nossa> “É provável que nenhuma divisão seja plenamente satisfatória. Qualquer uma tem, a meu ver, seus defeitos e seus acertos. Sempre será particularmente discutível a validez dos traços que foram escolhidos para a determinação das zonas” (MORENO DE ALBA, 2000, p.126).

apresenta-nos sucintamente o território pertencente a cada umas das regiões dialetais, bem como as principais características linguísticas observadas nelas pela autora. O mapa 2, por sua vez, auxilia-nos na visualização dessas regiões no espaço físico do país.

| Região Dialectal | Território | Características |
|------------------|---|---|
| 1. Litoral | - <i>Buenos Aires</i> , quase totalidade de <i>Santa Fe</i> ; zonas de <i>Entre Ríos</i> ; <i>LaPampa</i> e <i>Patagônia</i> . - <i>Uruguai</i> . | - Região mais extensa e mais europeizada; - Sob forte influencia de Buenos Aires; - Características linguísticas: ○ Entoação e pronúncia portenha ou do litoral; ○ Yeísmo <i>rehilado</i> ; ○ <i>-rr-</i> vibrante; ○ <i>-s</i> bem pronunciada pelas classes cultas, com tendência à aspiração no final de sílaba e perda muito acentuada no uso mais vulgar; ○ Características fonéticas, morfológicas e lexicais muito diversas: alternância de formas tradicionais do espanhol e de formas incorporadas, em processo ativo de acomodação. |
| 2. Guaranítica | <i>Corrientes</i> , <i>Misiones</i> , oeste de <i>Formosa</i> , <i>Chaco</i> , nordeste de <i>Santa Fe</i> , zona de projeção de <i>Entre Ríos</i> . | - Existência de população bilíngue (guarani) - Características linguísticas: ○ Entoação guaranítica ou correntina; ○ <i>-ll-</i> castelhana; ○ <i>-y-</i> africada e <i>rehilada</i> ; ○ <i>-s</i> final de sílaba aspirada e perda quase constante de <i>-s</i> em final de palavras; ○ <i>-rr-</i> fricativa assibilada; ○ Queda frequente da <i>-r</i> no final dos vocábulos verbais de infinitivo; ○ Pronúncia das vogais em hiato; ○ <i>Leísmo</i> em alternância com <i>loísmo</i> ; ○ Uso de preposições influenciado pelo guarani. |
| 3. Noroeste | - <i>Jujuy</i> , <i>Salta</i> , <i>Tucumán</i> , <i>Catamarca</i> , <i>La Rioja</i> , norte de <i>San Juan</i> , norte de <i>San Luis</i> e noroeste de <i>Córdoba</i> . - Sub-regiões: <i>Puna y Stgo. del Estero</i> | - Região de mais antiga colonização: - Características linguísticas: ○ Entoação do noroeste; ○ <i>-rr-</i> fricativa assibilada; ○ <i>-s</i> aspirada; ○ Três zonas de yeísmo <i>rehilado</i> (<i>Tucumán</i> , <i>Jujuy</i> e <i>Salta</i>) e uma de conservação de <i>ll</i> castelhana (norte de <i>San Juan</i> e oeste de <i>La Rioja</i> e <i>Catamarca</i>); ○ Arcaísmos e quechuísmos. |
| 4. de Cuyo | - <i>Mendoza</i> , <i>San Juan</i> e parte de <i>Neuquén</i> . | - Características linguísticas: ○ Entoação mendocina e sanjuanina; ○ Yeísmo; ○ <i>-rr-</i> fricativa assibilada; ○ <i>-s</i> final de palavra e de sílaba aspirada; ○ Semelhança atenuada com Chile em algumas características fonéticas, morfológicas e lexicais, devido à antiga dependência colonial e aproximação territorial. |
| 5. Central | - <i>Córdoba</i> e <i>San Luis</i> . - Uma grande zona de limites abertos, de transição, entre o <i>Noroeste</i> , a região de <i>Cuyo</i> e do <i>Litoral</i> . | - Características linguísticas: ○ Entoação cordobesa; ○ Yeísmo; ○ <i>-s</i> aspirada no final de palavra e sílaba; ○ <i>-rr-</i> fricativa assibilada; ○ Quechuísmos. |

Quadro 6. Da área de abrangência e as características linguísticas das regiões dialetais da Argentina segundo Vidal de Battini (1964).



2.7 Fontanella de Weinberg (2004): a reavaliação da proposta de Vidal de Battini.

Somente após quarenta anos do lançamento da obra *El español de Argentina* (VIDAL DE BATTINI, 1964), surge uma nova proposta de divisão dialetal específica ao espanhol no país. Foi Fontanella de Weinberg (2004) quem reconheceu a necessidade de reavaliar os fundamentos do trabalho de sua antecessora, já que no decorrer dos anos muito se havia avançado sobre o conhecimento da língua castelhana empregada nas diversas zonas da Argentina.

Apesar do desenvolvimento nos estudos linguístico-descritivos, Fontanella de Weinberg (2004) deparava-se ainda com a carência de um atlas linguístico constituído por isoglossas seguras que possibilitassem uma divisão linguística precisa do território argentino. Devido a essa deficiência, a pesquisadora escolheu partir da delimitação já realizada por Vidal de Battini (1954), observando que nela “há vários pontos discutíveis, entre os que se destaca o fato de considerar uma única região o extenso território que inclui desde as províncias de *Santa Fe* e *Entre Ríos* até a *Tierra del Fuego*”.

Como solução a essa *generalização*, propõe-se dividir a ampla região do litoral em três zonas menores: *Região Bonaerense*, *Região do Litoral* e *Região Patagônica*, as quais, juntamente às regiões já apresentadas por Vital de Battini (1954) (*Guaranítica*, *Noroeste*, *Central* e de *Cuyo*) conformam as sete regiões dialetais da Argentina segundo o postulado de Fontanella de Weinberg (2004).

Buscando razões que justifiquem a redistribuição da primitiva região litorânea em três zonas menores, Fontanella de Weinberg (2004) explica-nos que, apesar de apresentar traços comuns com a fala bonaerense em setores mais cultos, quando observados níveis socioeducacionais mais baixos, a variedade patagônica exibe traços totalmente ausentes na região vizinha. Em relação à diferença existente entre as variedades da região bonaerense e da nova região litorânea, “os estudos realizados até o momento mostram que a frequência com que se dão determinados fenômenos (o apagamento da /s/ final, por exemplo) difere entre ambas”.

Desta maneira, a partir da proposta de Vidal de Battini (1964), o postulado de Fontanella de Weinberg (2004) prevê a existência das seguintes regiões dialetais na Argentina:

1. Bonaerense;
2. Litorânea;
3. Patagônica;
4. Guaranítica/nordeste;
5. Noroeste;
6. Cuyana;
7. Central;

Por fim, diante das diferentes propostas de divisão dialetal apresentadas nesse trabalho, observamos que a compreensão da diversidade linguística perpassa o conhecimento do uso efetivo da língua e sua relação com aspectos extralinguísticos. Desse modo, procurando nos afastar de qualquer “generalização que corra o risco de ser falsa”, com o conhecimento das propostas de divisão dialetal da língua espanhola na América e, mais etentamente, Argentina, conseguimos estruturar a base para futuros estudos preocupados com as características das variedades do espanhol neste região. Isso porque, encontramos nesses postulados guias que nos direcionam a localidades de onde poderemos retirar os dados de análise.



Mapa 2. Das cinco regiões dialetais da Argentina segundo Vidal de Battini (1964, p.82)¹².

¹² Região do litoral em amarelo, região guaraníca em verde, região noroeste em rosa, região de Cuyo em roxo e região central em laranja.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENNASSAR, B. **La España del siglo de oro**. Barcelona: Crítica, 2004.
- BORREGO NIETO, J. Norma y normas. In: CASTAÑER, R. M.; ENGUITA, J. M. (Orgs) **Archivo de filología aragonesa: in memoriam Manuel Alvar**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2004; 2 v. p.1105-1118.
- CAHUZAC, P. La división del español de América en zonas dialectales: solución etnolingüística o semántico-dialectal. **Lingüística Española Actual**, Madrid, v. 2, 1980.
- CALLOU, D.; BARBOSA, A.; LOPES, C. O português do Brasil: polarização sociolingüística. In: CARDOSO, J.A.; MATTOS E SILVA, R.V. (Orgs) **Quinhentos anos de história do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p.259-292.
- FERREIRA, C; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El Español de América**. Madrid: Mapfre, 1992.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. (Coord.). **El Español de la Argentina y sus variedades regionales**. 2. ed. Bahía Blanca: Asociación Bernardino Rivadavia, 2004.
- HENRÍQUEZ UREÑA, P. **Observaciones sobre el español en América y otros estudios filológicos**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1976.
- HERNÁNDEZ MONTOYA, R. La división del español de América en zonas dialectales, 1995. Disponível em: <http://www.analitica.com/bitblbio/roberto/zonas_dialectales_america.asp>; acesso em 14 mar. 2011.
- MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectología general e hispanoamericana. Orientación teórica, metodológica y bibliográfica**. 2. ed. Bogotá: ICC, 1987.
- MORENO DE ALBA, J. G. **El español en América**. Ciudad de México: FCE, 2000.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco libros, 2000.
- RAE. Breve história. s.d. Disponível em <<http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/voTodosporId/CEDF300E8D943D3FC12571360037CC94?OpenDocument&i=0>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- ROJAS, E.M. La norma hispánica: prejuicios y actitudes de los argentinos en el siglo XX. . In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2º, 2001, Valladolid. **Paneles y ponencias del II Congreso Internacional de la Lengua Española**. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 2001. Disponível em: <http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/1_la_norma_hispanica/rojas_e.htm>. Acesso em: 09 dez. 2011.
- RONA, J.P. EL Problema de la división del español americano en zonas dialectales. In: CONGRESO DE INSTITUCIONES HISPÁNICAS, 1,1963, Madrid.



Presente y futuro de la lengua Española: Actas de la asamblea de filología del I congreso de instituciones hispánicas. Madrid: Instituciones hispánicas: 1964. p.215-226.

SÁNCHEZ LOBATO, J. Una mirada al hablar en el *español* actual (la nivelación del idioma). In: CASTÑER, R.M.; ENGUITA, J.M. (Orgs). **Archivo de filología aragonesa: in memoriam Manuel Alvar.** Zaragoza: Intitución Fernando el Católico, 2004. 2v. p.1647-1667.

SARALEGUI, C. **El español americano: teoría y textos.** Pamplona: EUNSA, 1997.

VIDAL DE BATTINI, B. E. **El español de la Argentina: Estudio destinado a los maestros de las escuelas primarias.** Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.

ZAMORA, J. C; GUITART, J.M. **Dialectología hispanoamericana. teoría, descripción, historia.** Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1988.

Recebido Para Publicação em 26 de fevereiro de 2013.

Aprovado Para Publicação em 14 de março de 2013.